

Tradução

Translation

Os tigres na Índia

William James

Tradução de **Arthur Araújo**

Departamento de Filosofia

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Brasil

aart037@gmail.com

JAMES, William. The tigers in India. In: *The meaning of truth: a sequel to Pragmatism*. The Project Gutenberg, 2004.

Nota explicativa da tradução

Os tigres na Índia é o segundo capítulo de *The meaning of truth* [O significado da verdade] e é também a continuação aos textos sobre Pragmatismo. Este texto tem um significado particular na teoria do conhecimento de William James. É um texto importante não somente em função da influente divisão do conhecimento entre intuitivo e representacional, mas também porque James analisa criticamente a noção de *inexistência intencional*. Sem citar Franz Brentano, James se refere à inexistência intencional no sentido escolástico. No entanto, é importante destacar que a noção de inexistência intencional de um objeto é um componente essencial da concepção brentaniana da intencionalidade dos estados mentais. Desde sua matriz brentaniana, entre a corrente fenomenológica e a filosofia da mente, a intencionalidade tem sido assumida por diferentes filósofos como o traço distintivo dos estados mentais. Como se pode ver no texto de James, ele não nega a intencionalidade. O que o filósofo procura mostrar é que a noção de inexistência intencional como a presença na ausência de um objeto não acrescenta nada ao significado intencional dos pensamentos. James admite a intencionalidade e, no entanto, isso não significa que a relação entre pensamento e objeto tenha uma intermediação suplementar de significação. Embora de modo incipiente, o texto de James mostra o que se pode considerar uma concepção pragmática da intencionalidade.

* * *

Há dois modos de conhecer as coisas, conhecê-las imediata ou intuitivamente e conhecê-las conceitual ou representacionalmente. Embora tais coisas, como o papel branco diante dos nossos olhos, possam ser conhecidas intuitivamente, a maioria das coisas que conhecemos, como agora, por exemplo, os tigres na Índia, ou o sistema escolástico de filosofia, só são conhecidos representacional ou simbolicamente.

Suponha, para ajustar nossas ideias, que, primeiro, nós tomemos o caso do conhecimento conceitual; e deixemos que esse seja nosso conhecimento dos tigres na Índia, enquanto estamos sentados aqui. O que exatamente queremos dizer por nós *conhecemos* os tigres aqui? Qual é o fato preciso em que a cognição,¹ tão confiantemente reivindicada, é *imediatamente conhecida*,² para usar a deselegante, mas valorosa expressão de Shadworth Hodgson?

A maioria das pessoas responderia que o que queremos dizer por conhecer os tigres é tê-los; e embora ausentes fisicamente, eles se tornam presentes de algum modo no nosso pensamento; ou que nosso conhecimento dos tigres é uma presença do nosso pensamento a eles. Um grande mistério é comumente feito dessa peculiar presença na ausência; e a filosofia escolástica, que é o crescimento purista do senso comum, a teria explicado como um tipo peculiar de existência, chamado *inexistência intencional* dos tigres na Índia. Finalmente, as pessoas diriam que o que queremos dizer por conhecer os tigres está mentalmente *apontando* em direção a eles quando estamos sentados aqui.

Mas, então, o que queremos dizer por *apontar* em tal caso? O que é o apontar imediatamente aqui?

Para essa questão terei de dar uma resposta muito prosaica – uma resposta que perpassa os preconceitos não somente do senso comum e do escolasticismo, mas também aqueles próximos aos epistemólogos que já li. A resposta, muito brevemente, é esta: o apontar do nosso pensamento aos tigres é entendido tão e somente como um processo de associação mental e consequências motoras que seguem o pensamento e, se seguidas, conduziriam harmonicamente a algum contexto ideal ou real, ou mesmo à presença imediata dos tigres. É nosso conhecimento imediato da rejeição do jaguar, se esse animal nos for mostrado como um tigre; como nossa aprovação a um tigre verdadeiro, se assim nos for mostrado. É nosso conhecimento imediato da habilidade de proferir todos os tipos de proposições que não contradigam outras proposições que sejam verdadeiras sobre os tigres reais. É também conhecimento imediato, se tomarmos os tigres seriamente, de ações nossas que possam acabar em tigres intuídos diretamente, como elas seriam, se viajássemos à Índia para o propósito de uma caça ao tigre e trouxéssemos um monte de pele do arceiro listrado que tivéssemos abatido. Em tudo isso, não há autotranscendência nas nossas imagens mentais *tomadas por elas mesmas*. Elas são um fato fenomenal; os tigres são um outro; e o apontar das imagens aos tigres é um perfeito lugar comum de relação intraexperencial, *se, uma vez, você admitir um mundo conectante para estar aí*. Em resumo, para usar a linguagem de Hume, as ideias e os tigres estão tão livres e separados quanto

1 N. do T.: Em *The function of cognition [A função da cognição]*, capítulo anterior a *Os tigres na Índia*, James define a cognição como uma função da consciência. E por “função da consciência” ele entende “ideia” (no sentido lockeano amplo), “estado de consciência” ou, finalmente, “pensamento”.

2 N. do T.: Para a tradução de “*known-as*” como “imediatamente conhecido,” ver PARRY, W.T. Are things what they are known as? In: *Philosophy and Phenomenological Research*. v. 16, n. 2, 1995, p. 237.

quaisquer duas coisas podem estar e apontar significa aqui uma operação tão externa e acidental quanto qualquer uma que a natureza produz.³

Espero que vocês possam concordar comigo agora que no conhecimento representacional não há um mistério interno especial, mas somente uma cadeia externa de intermediações físicas e mentais que conectam pensamento e coisa. *Conhecer um objeto é aqui conduzir a ele através de um contexto que o mundo proporciona.* Tudo isso foi instrutivamente demonstrado por nosso colega D.S. Miller em nosso encontro no último Natal em Nova York e, por reconfirmar minha às vezes hesitante opinião, a ele devo meu agradecimento.⁴

Passemos ao caso do conhecimento imediato ou intuitivo de um objeto e seja o objeto o papel branco diante dos nossos olhos. A matéria-pensamento e a matéria-coisa são aqui indistintamente as mesmas na natureza, como vimos um momento atrás, e não há contexto de intermediações ou associações que fique entre e separe o pensamento e a coisa. Não há “presença na ausência” aqui, nem “apontar”, antes, no entanto, uma incorporação completa do papel pelo pensamento e é claro que o conhecer não pode aqui ser explicado exatamente como era quando os tigres eram os objetos. Desse modo, entendidas em toda sua extensão, nossas experiências são estados de conhecimento imediato. Algures, nossa crença repousa mesmo sobre dados últimos como brancura, suavidade ou a quadradura deste papel. Que tais qualidades sejam verdadeiramente aspectos últimos do ser ou somente suposições provisórias nossas, mantidas enquanto não sejamos melhores informados, é pouco importante para nossa pesquisa presente. Na medida em que se crê, vemos nosso objeto frente a frente. O que queremos dizer agora por “conhecer” um tipo de objeto como esse? Pois esse é também o modo pelo qual deveríamos conhecer o tigre se nossa ideia conceitual dele fosse acabar por nos levar à sua toca?

Este encaminhamento não deve tornar-se tão longo, assim darei minha resposta em poucas palavras. Primeiro deixe-me dizer isto: na medida em que o papel branco ou outro dado último da nossa experiência for considerado introduzido também na experiência de algum outro indivíduo, conhecendo-a estamos prontos para conhecê-la aqui ou lá; de novo, na medida em que ela for considerada uma simples máscara para as moléculas ocultas do que são agora experiências impossíveis de nós próprios, pode desnudar-se algum dia à visão; de novo, na medida em que é o caso dos tigres na Índia – sendo as coisas conhecidas experiências ausentes, o conhecer pode somente consistir em passar, suavemente, em direção a elas através do contexto intermediário que o mundo proporciona. Mas, se nossa própria visão particular do papel é considerada em abstração de todo outro evento, como se fosse constituída pelo próprio universo (e isso poderia perfeitamente fazer-se assim

3 Uma pedra em um campo pode “encaixar-se”, assim dizemos, em um buraco em um outro campo. Mas a relação de “encaixe”, enquanto ninguém leva a pedra ao buraco e a coloca nele, é somente um nome para o fato de que tal ato *pode* acontecer. Similar ao conhecer os tigres aqui e agora. É somente um nome de antecipação para um futuro processo associativo e final que *pode* ocorrer.

4 Ver os artigos do Dr. Miller sobre Truth and Error e Content and Function em *Philosophical Review*, julho de 1893 e novembro de 1895.

e pelo que sei podemos compreender o contrário), então, o papel visto e o ver o papel são somente dois nomes para um fato indivisível que, assim nomeados, é *o dado, o fenômeno ou a experiência*. O papel está na mente e a mente está em torno do papel, porque papel e mente são somente dois nomes que são dados posteriormente a uma experiência, quando, entendida em um mundo mais amplo do qual forma uma parte, suas conexões são traçadas em diferentes direções.⁵ Em qualquer caso, no entanto, é a mesma *matéria* que figura em todos os conjuntos de linhas. *Então, conhecer imediata ou intuitivamente é para o conteúdo mental e o objeto que eles sejam idênticos*. Essa é uma definição muito diferente daquela que demos do conhecimento representacional; mas nenhuma definição envolve aquelas noções misteriosas de autotranscendência e presença na ausência, as quais são partes essenciais das ideias de conhecimento entre filósofos e homens comuns.⁶

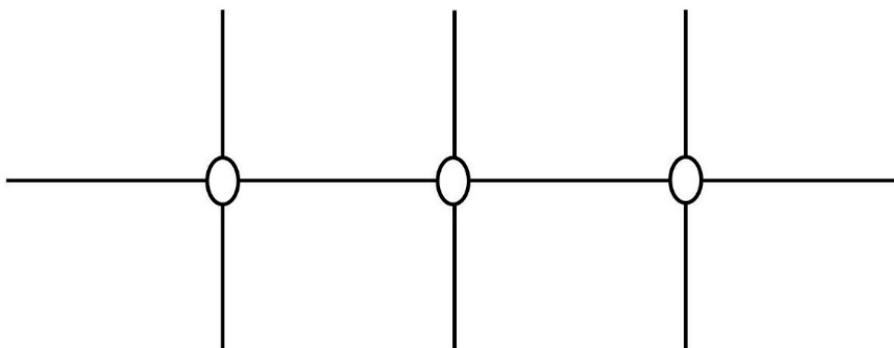


Ilustração: Vide nota 5

Endereço/ Address

- 5 O que se quer dizer por isso é que “a experiência” pode ser referida a dois grandes sistemas associativos, aquele da história mental de quem experimenta e aquele dos fatos experimentados do mundo. De ambos os sistemas a experiência forma parte e, aliás, ela pode ser vista como um de seus pontos de interseção [N. do T.: ver ilustração]. Uma linha vertical pode representar a história mental; mas o mesmo objeto, O, aparece também na história mental de diferentes pessoas, representada por outras linhas verticais. Assim, ele para de ser a propriedade privada de uma experiência e torna-se, por assim dizer, uma coisa partilhada ou pública. Podemos traçar a história externa da experiência desse modo, representando-a pela linha horizontal. (Ela é também conhecida representativamente em outros pontos das linhas verticais, ou aí também intuitivamente, na medida em que a linha da história externa da experiência teria de ser cíclica e errante, mas, eu a faço reta por mera simplicidade.) [N. do T.: a propósito do significado de “experiência”, ver *Ensaio em Empirismo Radical* (1094) em que James desenvolve a noção de experiência “pura” como a “matéria” (*stuff*) de constituição do mundo em relações de coisas.]
- 6 O leitor terá observado que o texto é escrito do ponto de vista do realismo *ingênuo* e evita levantar a controvérsia idealista.

Arthur Araújo
Universidade Federal do Espírito Santo
Departamento de Filosofia – CCHN
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus Universitário Goiabeiras
Prédio Barbara Weinberg – Sala 108
CEP: 29075-910
Vitória – ES – Brasil

Data de envio: 13-03-16
Data de aprovação: 30-03-16

